

PERAÇÃO QUERARI

Tiros aterrorizam colombianos

MORADORES DA COMUNIDADE DE MONTENEGRO, NA COLÔMBIA, SENTEM MEDO QUANDO MILITARES INICIAM TREINAMENTOS DE COMBATE. TIROS ASSUSTAM CRIANÇAS E CHEGAM A ATINGIR CASAS

WILSA FREIRE
ENVIADA ESPECIAL

QUERARI, AM - O início da Operação Querari, do Comando Militar da Amazônia (CMA), no último dia 29, em São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), foi visto como segurança para os brasileiros que moram na fronteira. Do outro lado, no entanto, na comunidade de Montenegro, na Colômbia, o sentimento era bem diferente. Os tiros e sobrevôos de diversas aeronaves causaram medo entre os moradores. Alguns disparos, semanas antes da operação, chegaram a atingir o território colombiano.

Para chegar à comunidade de Montenegro, que na Colômbia chama-se Boca de Querari, basta atravessar o rio Uaupés, divisa entre os dois países. Quando a reportagem de A CRÍTICA chegou à comunidade acompanhada do fotógrafo do Exército, os moradores correram para suas casas. Apenas o professor Lucas Ramires decidiu ficar e falar.

Ramires estava indignado com as operações do Exército brasileiro. Ele contou que no último dia 18 houve disparos vindos do Brasil que acertaram uma casa e outras regiões da comunidade, que conta com 19 famílias das etnias guuanos e cubeos. Estes últimos são os mesmos que também moram no lado brasileiro, com a diferença de terem sido colonizados com a língua espanhola. A escola da comunidade está fechada desde aquele dia e alguns moradores saíram da cidade.

"Estamos realmente indignados. Os tiros estão chegando, mas aqui não há guerrilheiros", afirma Ramires. "Eles disseram que foi um descuido, mas com arma não pode haver descuido. O Brasil não pode ser assim com a Colômbia". A mulher de Ramires, que está grávida, foi para Mitú, capital da província de Uaupés.

Os dois presenciaram há um ano o combate entre os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e os soldados colombianos, e haviam se mudado para Boca de Querari para fugir da violência. "Os



DISPAROS Famílias das etnias guuanos e cubeos, que moram em Montenegro, na fronteira colombiana, se sentem ameaçadas; do outro lado se avista as casas no Brasil

soldados brasileiros andam armados e tranquilos, mas não nos deixam viver em paz."

AMIZADE

O agricultor cubeo Walter Luiz Vidallis Cruz, 32, já serviu ao Exército brasileiro e hoje mora em Boca de Querari. Para ele, há um certo exagero nas afirmações do professor, mas admite que mulheres e crianças ficam nervosas com a situação. Segundo ele, uma senhora teve um bebê prematuro porque se assustou com os tiros. Cruz, no entanto, ressalta a amizade com o pelotão de fronteira brasileiro.

"Quando precisamos de remédios e até combustível para transportar quem está precisando, é lá no Brasil que conseguimos ajuda", revelou. O trânsito entre colombianos e brasileiros, segundo ele, é livre. Cruz afirmou não ter conhecimento sobre guerrilheiros buscando informações sobre o Brasil em sua comunidade.

Ramires disse que o líder comunitário de Boca de Querari foi a Mitú levar a reclamação dos moradores sobre os disparos vindos do Brasil. "Eles precisam ter mais cuidado porque isso pode ser um problema para o Brasil."



ALVO FÁCIL Criança colombiana mostra a casa que a marca da bala que atingiu casa durante a simulação

BALAS REAIS

Denúncias vão ser apuradas

O comandante militar da Amazônia, general Luiz Gonzaga Lessa, 63, disse que irá averiguar as denúncias da comunidade de Montenegro. Segundo ele, até o momento não havia nenhuma informação de incidentes envolvendo disparos do pelotão de fronteira do Brasil em Querari. "Temos utilizado tiros reais porque esse clima na fronteira exige este tipo de preparo. Mas como se diz na terminologia militar, estamos usando tiros amarrados em cima de objetivos muito bem definidos e não estão, de maneira alguma, direcionados para a comunidade", explicou Lessa. Para o general, algum tiro pode ter se extraviado. Ele prometeu verificar o incidente, mas destacou a preocupação com a comunidade e a vontade de manter os laços de amizade que permitiram até hoje o bom relacionamento na fronteira.

DIVISA SÓ NO CAMPO OFICIAL

"ESSA COISA DE FRONTEIRA E DOIS LADOS É SÓ COM VOCÊS. COM A GENTE, ISSO NÃO EXISTE".

WALTER LUIZ VIDALLIS CRUZ, agricultor

Vai-e-vem é livre

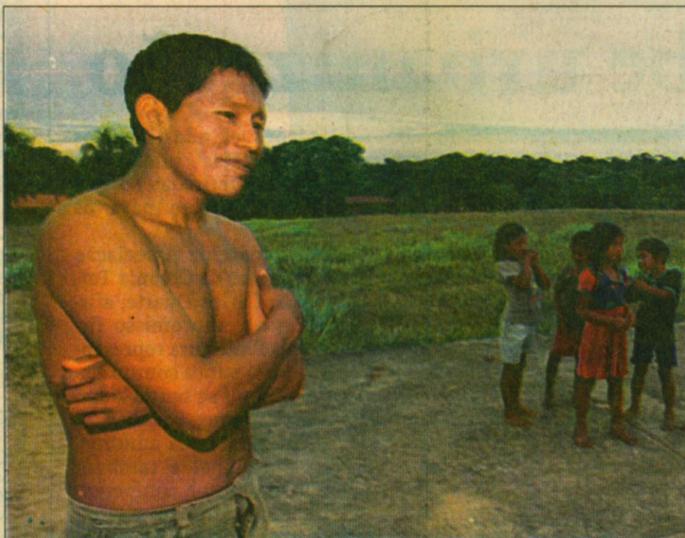
O rio Uaupés, que serve de fronteira entre o Brasil e a Colômbia, só é divisa no campo oficial. Para brasileiros e colombianos, a fronteira é quase inexistente. Entre os moradores dos dois países o passe é livre.

O agricultor Walter Luiz Vidallis Cruz dá a explicação: "Essa coisa de fronteira e dois lados é só com vocês. Com a gente, isso não existe". Vidallis, mesmo morando no lado colombiano, serviu ao Exército brasileiro.

Na comunidade Açaí, que foi zona de lançamento para o

CMA, em Querari, a comunidade também é formada por cubeos que aprenderam a língua portuguesa. Raimundo Rodrigues, 38, também não consegue ver diferença entre os que moram do outro lado do rio e os brasileiros. Rodrigues tem até uma irmã que mora na comunidade de Montenegro.

O agricultor viu o desembarque dos militares na comunidade sem problemas, na semana passada. "Antes assustava. Agora já sabemos que os que usam essas roupas (do Exército) são nossos amiaos", disse.



EXAGERO Agricultor Luiz Vidallis diz que há amizade com o pelotão

Território da coca

O território colombiano próximo à fronteira do Brasil é uma das áreas de maior atividade da guerrilha na Colômbia. É também lá onde se concentra o maior número de áreas com cultivos de coca no País, intensificando as atividades do narcotráfico. Estima-se que existam mais de 14 mil guerrilheiros das Farc expandindo-se pelo território colombiano.

A capital da província de Uaupés, Mitú, a 70 quilômetros de Querari (que fica em São Gabriel da Cachoeira), foi palco de combate entre guerrilheiros das Farc e do exército colombiano, que conseguiu dominar a cidade há um ano. Hoje, circulam informações dando conta de que os guerrilheiros pretendem tomar novamente a cidade. Para isso têm intenções de ocupar o pelotão de fronteira brasileiro em Querari e tomar sua pista de pouso, evitando que se repita o que

aconteceu no ano passado, quando o governo colombiano utilizou a base de Querari para atacar os guerrilheiros.

O Exército brasileiro sabe que as Farc acompanham de perto "os passos" do Governo brasileiro no que se refere às atividades na fronteira. Pessoas das comunidades vizinhas serviriam de ponte, repassando informações sobre o Brasil. As Farc controlam informalmente cerca de 80% da Região ao Sul da Colômbia, mas não vêem o Brasil como inimigo. Ao contrário, o território brasileiro funcionaria como uma espécie de corredor para a chegada de armamentos e insumos, assim como também para a passagem civil da guerrilha.

Para o comandante do CMA, general Lessa, com o reforço da fronteira no País, nos últimos anos, têm diminuído as violações ao território brasileiro.